**Indicação do local das imagens no texto**

1.

A imagem Dança Sagrada das Minas deve ser incluída, preferencialmente, antes ou após o seguinte parágrafo:

A mais antiga casa de culto do Tambor de Mina, a Casa das Minas, é então reconhecida como tradição religiosa afro-brasileira. Em 1940, duas fotos da “dança sagrada das minas na sua perfeita cadência com os ritmos do culto afro, no tradicional terreiro” foram publicadas na *Revista Athenas*, periódico organizado por intelectuais e patrocinado pela administração estatal, e que visava ser a confirmação das “gloriosas tradições” que seu nome indicaria.[[1]](#endnote-1)

**IMAGEM**

Figura I: Dança Sagrada das Minas

Fonte: REVISTA ATHENAS. São Luís/MA, 12 jul. 1940, p. 12.

2.

A imagem Negreiros de ser incluída, preferencialmente, antes ou após algum dos seguintes parágrafos:

De todo modo, sobretudo a partir dos anos 1950, inicia-se uma inflexão, ainda que bastante pontual, no modo como a imprensa maranhense lida com a Mina e a Pajelança. Em 1954, o jornal *Pacotilha – O Globo*[[2]](#endnote-2)publica a primeira grande reportagem em um jornal de circulação diária do Maranhão interpretando positivamente o Tambor de Mina como uma tradição regional. O terreiro selecionado pela imprensa não é nenhum daqueles que despertava o interesse dos intelectuais locais e da agenda intelectual e política nacional, como a Casa das Minas e a Casa de Nagô.

Original no que concerne ao tema e ao conteúdo – um trabalho jornalístico realizado por ocasião de uma festa de Tambor de Mina, a reportagem de *Pacotilha – O Globo* era anunciada com diversas fotos e com um título maior, no qual se anunciava: “Gente da alta sociedade na casa de Zé Negreiros. ELE É O CHEFE SUPREMO DA GRANDE LINHA DE MINA. SEU ‘PATRÃO’ É LÉGUA BUGÍ BUÁ”.[[3]](#endnote-3)

A equipe da reportagem de agosto de 1954 tinha consciência de seu ineditismo.

Esta é uma reportagem em que, pela primeira vez, na imprensa local, se localiza os ritos do terreiro de mina do famoso “veduno” ou “pai-de-santo” Zé Negreiros. Sua casa, no Caminho do Turú, onde celebra-se o culto gêge, é conhecidíssima e rara a pessoa que ainda não a visitou, nas noites das festas rituais.

Dreyfus Azoubel foi o primeiro repórter fotográfico a penetrar com u’a máquina naquele mundo imenso dos “orixás” ou “voduns”, com permissão do chefe da seita para iluminar com os seus “flashes” o “guma” sagrado, tendo oportunidade de colher flagrantes do ritual das velas que naquele dia se realizara como homenagem aos mortos que pertenceram ao grande império de “Seu” Légua Bugí Buá.

Seguimos o roteiro dos terreiros de S. Luís e penetramos nos segredos de mina. Paramos diante da Pedra de Santa Bárbara ou “Fala Mãe”. Ouvimos o “imbarabó”, em respeitoso silêncio, e nos contaram a história da encantaria sagrada, o que procuraremos transmitir aos leitores de PACOTILHA – O GLOBO.[[4]](#endnote-4)

**IMAGEM**

Figura II: NEGREIROS

Fonte: PACOTILHA O GLOBO. São Luís/MA, 3 ago. 1954, p. 2

1. REVISTA ATHENAS. São Luis/MA, 12 jul. 1940, p. 12. [↑](#endnote-ref-1)
2. *Pacotilha* foi fundado em 1880 e em 1949 se fundiu com *O Globo*. Esses jornais se vinculavam aos grupos políticos dominantes e destinavam o mesmo tipo de cobertura às expressões religiosas populares e de matriz africana. [↑](#endnote-ref-2)
3. MASSON, N. Governadores e Parlamentares se elegem... **Pacotilha – O Globo**, São Luís, 3 de ago. de 1954, p. 1. Légua Boji Buá é o comandante de uma importante família de encantados que parece chegar a mais de quinhentas entidades. AHLERT, M. “*A família de Légua tá toda na eira*”: tramas de parentesco nas relações entre pessoas e encantados. **Anais da 30ª Reunião Brasileira de Antropologia**. João Pessoa/PB, 2016; FERRETTI, M. M. R. op. cit., 2000a; op. cit., 2000b; op. cit., 2001. [↑](#endnote-ref-3)
4. Idem, p. 2. [↑](#endnote-ref-4)